

## **‘Esforço, dedicação, devoção e glória’: imagens do leão na cultura medieval inglesa**

“If we see an Assyrian, Persian, or Egyptian monarch portrayed on a hunting scene on fresco, relief or cylinder seal, he is likely to be transfixing not a flea, or a rabbit, or a squirrel, but a Lion. For Boar, Bear, Whale, and Lion, and all their vasty Peers are heroic and noble beasts who by virtue of their valour, bulk, strength, cunning, and ferocity have impressed themselves on the eye and mind of man, and endlessly challenged his imagination.” (Jones, 1972: 102).

Quando, corporizando uma sugestão avançada pelo Dr. Pedro Chambel, o Prof. Luís Krus nos propôs que participássemos neste ciclo de conferências, é possível que no seu espírito habitassem expectativas (ou quase certezas) relativamente ao animal escolhido: porventura os veados que se passeiam na literatura e na lenda adstritas a Robin Hood ... Embora ponderada, tal possibilidade, tributária da nossa história académica, foi, porém, vencida pela circunstância, não menos pessoal, de um sportinguismo patente no título, que incorpora a divisa do Sporting Clube de Portugal e, por extensão, evoca o leão rampante do respectivo emblema. O nosso objectivo será, pois, o de induzir se esses quatro signos (“esforço”, “dedicação”, “devoção” e “glória”) configuram traços e características efectivamente associados ou imputados ao leão no âmbito da cultura medieval inglesa.

Não obstante esta delimitação, dificilmente se poderia deixar de eleger horizontes mais largos e aludir à multiplicidade e diversidade de contextos espacio-temporais e culturais marcados pela presença, por imagens e representações leoninas. Assim, um relance sobrevoando, por exemplo, a história, literatura e mitologia clássicas conduzir-nos respectivamente às perseguições romanas aos cristãos, às fábulas de Esopo (séc. VI A.C.), das quais provém, aliás, a expressão “parte de leão” (Brewer (ed.), 1965: 555) e ao primeiro dos doze trabalhos de Hércules, a morte do leão da Nemeia (*ibid*: 637).

Prosseguindo numa linha ilustrativa, que não exaustiva, de evocações genéricas, o

leão viria também a constituir símbolo ou emblema heráldico de uma cidade (Veneza),<sup>1</sup> uma região (Flandres)<sup>2</sup> ou um país (Escócia),<sup>3</sup> nome de reino e de Papa, apelido de família e ainda título ou cognome honorífico aplicado geral, mas não exclusivamente, a soberanos: sem esquecer exemplos oriundos do Próximo e Médio Oriente, o mais famoso dos quais será talvez o de Ali, genro do Profeta Maomé (602-661), “o leão de Alá” (Brewer (ed.), 1965: 554-555), apontem-se Henrique, duque da Baviera e Saxónia (1129-1195), o escocês William I (1165-1214), Louis VIII de França (1223-1226) e o caso, bastante mais tardio, de Gustavo Adolfo da Suécia, o “leão do Norte” (1611-1632), sem esquecer, obviamente, Richard I (1189-1199), o Ricardo Coração-de-Leão da história, da literatura e da lenda.<sup>4</sup> A presença ou as representações leoninas fazem-se ainda sentir em diversas vertentes da língua inglesa através de símiles e expressões idiomáticas,<sup>5</sup> aforismos<sup>6</sup> e rimas infantis (*nursery rhymes*) como, por exemplo, a seguinte que, de forma longínqua, ecoa seculares rivalidades territoriais e políticas anglo-escocesas:

#### “The lion and the unicorn

---

<sup>1</sup> Trata-se do famoso leão alado, pousando uma pata sobre um livro aberto com a inscrição “*Pax tibi, Marce, Evangelista Meus*” e, curiosamente, também adoptado como logotipo da Companhia de Seguros Generali. Além dos comentários tecidos sobre a associação de S. Marcos com o leão (cf. *infra*: 10), o lugar do Apóstolo como padroeiro de Veneza traduz-se de modo evidente na consagração toponímica de dois dos seus principais motivos turísticos, a Praça e a Basílica.

<sup>2</sup> Segundo Brewer, a adopção do leão como emblema da Flandres deve-se ao duque Filipe I e data de 1164 (Brewer (ed.), 1965: 554).

<sup>3</sup> Essa tradição heráldica medieval, aparentemente anterior à do unicórnio (cf. *infra*: 5), dever-se-ia ao facto de alguns monarcas escoceses descenderem dos condes de Northumberland e Huntingdon, em cujas armas figura um leão (*ibid.*).

<sup>4</sup> Sublinhe-se a parcial contemporaneidade dos duques germânico e flamengo e dos monarcas escocês e inglês, indiciadora de uma aparente (e algo intrigante) popularidade de cognomes leoninos no século XII; do mesmo modo, embora o cognome mais frequentemente apostado a Henry I (1100-1135) seja “Beauclerc” (letrado, erudito), na fase final do seu reinado o monarca seria também conhecido como “o leão da justiça” (Delderfield (ed.), 1988: 32).

<sup>5</sup> “As dewdrops from the lion’s mane”, “come in like a lion”, “the lion’s share”, “to lionize”, “to put one’s head in the lion’s mouth”, “to beard the lion in his den”, etc. (Roget (ed.), 1972: 103).

<sup>6</sup> “An Englisman, / Being flattered, is a lamb; threatened, a lion.” (George Chapman, 1559?-1634, *Alphonsus*, I, ii, *apud* J. M. Cohen e M. J. Cohen (eds.), 1981: 105, n° 23).

Were fighting for the crown;  
The lion beat the unicorn  
All round the town.  
Some gave them white bread,  
And some gave them brown;  
Some gave them plum cake  
And sent them out of town.” (Reeves (ed.), 1955: 47).<sup>7</sup>

A propósito deste infantil textozinho, acrescenta-se que o emparelhamento nele consubstanciado entre leão e unicórnio se projecta também na literatura inglesa através, por exemplo, de Edmund Spenser (1552?-1599), em *The Faerie Queen* (1589-1596),<sup>8</sup> ou de uma obra reunindo ensaios políticos de George Orwell (1903-1950), compostos em pleno *Blitz*, entre Agosto e Outubro de 1940 (Orwell, 1988).

Também em diferentes sectores do nosso quotidiano, do comércio e da indústria à publicidade, ao desporto e à cultura, “o leão mostra a sua raça”: além do lugar conquistado nos meios cinematográficos (cf. *O Leão da Estrela*, *o Rei Leão*, o Leão de Ouro distinguindo os vencedores do Festival de Veneza, o próprio leão da MGM, etc.), apontem-se ao acaso o Seat Leon, os restaurantes Leão d’Ouro e Casa do Leão, o chocolate Lion, a cerveja Sporting (“para gente com garra”, conforme reza o *slogan*) e o vinho homónimo, produzido pela Adega Cooperativa de Torres Vedras. Paralelamente e de forma talvez inconsciente e quase imperceptível, a continuidade ou sobrevivência de hábitos, representações e referências culturais e mentais aproximando a medieval idade e a contemporânea idade adquire por vezes expressões curiosas: não será ainda uma manifestação heráldica o leão rampante da Peugeot? E que dizer do rebatismo jornalístico

---

<sup>7</sup> A versão transcrita in J. M. Cohen e M. J. Cohen (eds.), 1981: 272, nº 26, apresenta como variantes a substituição de “round” por “around” e “sent” por “drummed”.

<sup>8</sup> “Like as a lyon, whose imperiall powre / A prowde rebellious unicorn defyes.” (II, v, *apud* Brewer (ed.),

de Ricardo Sá Pinto como “Ricardo Coração-de-Leão” ?

Editado pelo Reverendo Brewer, o *Dictionary of Phrase and Fable* cita diversos exemplos da adoção heráldica do motivo do leão por monarcas e famílias nobres, aparentadas ou não com o trono.<sup>9</sup> Mais importante nos parece, porém, enfatizar três aspectos: a inclusão de três leões *passant gardant* nas armas esquarteladas inglesas, representando Rolão, 1º duque da Normandia (c.906-939), o condado de Maine, conquistado em 1145 pelo futuro Henry II (1154-1189) e o ducado da Aquitânia, recebido por Henry pelo seu casamento com Eleanor (1152); a sua frequente adoção por diferentes monarcas, do período medieval e não só, como um dos suportes das armas reais;<sup>10</sup> e a substituição escocesa do leão pelo unicórnio (1426, segundo Priestley, 1974: 32), que virá, por seu turno, substituir o dragão galês após a transição dinástica Tudor / Stuart (1603).

Esta relação de proximidade, identificação ou ‘homologia’ entre o leão (“rei dos animais” ou “rei da selva”, como ainda dizemos) e o rei dos humanos está certamente na base da simbólica concessão a ambos de atributos, poderes e prerrogativas idênticos ou equivalentes. Assim, a justiça e a soberania do leão enformam o célebre passo do julgamento da raposa que abre *Le Roman de Renart*, obra anónima composta entre o último quartel do século XII e meados do seguinte e um dos primeiros textos a merecer edição de Caxton (1481):

---

1965: 924).

<sup>9</sup> Cf., entre outros, Henry I, Richard I, John of Gaunt, duque de Lancaster, Edward IV enquanto conde de March, Percy, duque de Northumberland, os duques de Norfolk, os condes de Mortimer e Surrey, os Fitz-Hammond, etc. (Brewer (ed.), 1965: 554).

<sup>10</sup> Segundo Brewer, para os seguintes monarcas, os outros suportes eram, respectivamente, a águia (Edward III, 1327-1377), o antílope (Henry V, 1413-1422), o touro (Edward IV, 1461-1470 e 1471-1483), o javali (Richard III, 1483-1485), o dragão (Henry VII, 1485-1509) e o galgo (Henry VIII, 1509-1547, Mary I, 1553-1558 e Elizabeth I, 1558-1603).

“(…) Winter was already past, the rose opening and the hawthorn in bloom when, just before Ascension Day, Lord Noble the lion had all the beasts assemble in his great hall to hold court. Not a single beast was bold enough to keep on any account from hurrying there, save only for Reynard, the wicked, thieving scoundrel, whom all the rest accused and denounced before the king for his arrogant misbehaviour.” (Owen (trad.), 1994: 5).<sup>11</sup>

Outra faceta de tão real majestade reside na crença, ainda ecoada por Shakespeare (1564-1616), de que o leão não fará mal a um príncipe de sangue.<sup>12</sup> O dicionário editado por Chevalier e Gheerbrant adverte-nos, contudo, para a dualidade ou ambivalência simbólica do leão no que se prende com o poder secular:

“S’il (le lion) est l’incarnation même du Pouvoir, de la Sagesse, de la Justice, en revanche, l’excès de son orgueil et de son assurance en font le symbole du Père, du Maître, du Souverain, ébloui par sa propre puissance, aveuglé par sa propre lumière, et qui devient tyran, en se croyant protecteur. Il peut donc être admirable autant qu’insupportable: entre ces deux pôles oscillent ses nombreuses acceptions symboliques.” (Chevalier e Gheerbrant (eds.), 1982: 575).

Mas a importância e visibilidade de imagens e representações do leão estão longe de se circunscrever a patrimónios culturais ocidentais, mais remotos ou mais próximos. Assim, Chevalier e Gheerbrant apontam as afinidades existentes no Extremo Oriente entre leões e dragões, aparecendo os primeiros como protectores contra influências maléficas e portadores de saúde e prosperidade aos indivíduos, às famílias e comunidades, o que poderá

---

<sup>11</sup> “Ce dit l’ estoire el premer vers / Que já estoit passé ivers / Et que la rose espanissoit / Et l’aube espine florissoit / Et pres estoit l’Asencions, / Que sire Noble li lions / Totes les bestes fist venir / En son palés por cort tenir. / Onques n’i ot beste tant ose / Qui remansist por nule chose / Qui ne venist hastivement, / Fors dan Renart tant solement, / Le mal lere, le soulduiant, / Qui li autre vont encusant / Et enpirant devant le roi / Et son orgueil et son desroi.” (Dufournet (ed.), 1970: 65-66).

<sup>12</sup> Cf. a seguinte fala de Falstaff, dirigindo-se, entre outros, ao futuro Henry Y: “(…) thou knowest I am as valiant as Hercules; but beware instinct: the lion will not touch the true prince. Instinct is a great matter, I was a coward on instinct. I shall think the better of myself and thee during my life; I for a valiant lion, and thou for a true prince.” (*Henry IV, Part I, Act II, Scene 4* in Shakespeare (ed. Sybil Thorndike), 1973: 416).

explicar as danças japonesas do leão no dia 1 de Janeiro e noutras datas festivas (*ibid*: 576).

Curiosa é também a explicação avançada por Brewer para a frequente presença de leões (ou cabeças de leões) em chafarizes e fontanários, jorrando água da boca.<sup>13</sup> Esta tradição, iniciada pelos Egípcios, dever-se-ia ao facto de as inundações do rio Nilo ocorrerem em regra durante o signo zodiacal do Leão (23 de Julho-22 de Agosto), tradição que, adoptada e difundida por Gregos e Romanos, se teria incorporado na arquitectura e arte ocidentais (Brewer (ed.), 1965: 555).

Obra incontornável da cultura judaico-cristã e ela própria ponte textual entre Oriente e Ocidente, também a Bíblia encerra, quer no Novo, quer sobretudo no Antigo Testamento, diversas referências e alusões leoninas,<sup>14</sup> a mais famosa das quais será porventura a seguinte: “(...) morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará (...) e o filho de leão e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará.” (*Livro de Isaías*, 11: 6 in *ibid*: 686). Ainda no Antigo Testamento, mas desta feita no livro do *Génesis*, o leão surge associado à tribo de Judá (*Génesis*, 49: 8-9 in *ibid*: 59), da qual Jesus provém (Brewer (ed.), 1965: 554),<sup>15</sup> associação, aliás, retomada no *Apocalipse do Apóstolo S. João*, 5: 5 (in Almeida (trad.), 1968: 279). No entanto, se tivermos presente recomendações como “Pisarás o leão e o áspide; calcarás aos pés o filho do leão e a

---

<sup>13</sup> Estamos, evidentemente, cientes de outras figurações na arquitectura, escultura e decoração públicas e privadas, desde as floreiras e estátuas ornamentais domésticas aos leões que, cingindo-nos a exemplos lisboetas, ladeiam a escadaria da Assembleia da República, vigiam a entrada do Banco Totta & Açores, na Rua do Ouro, ou ao exemplar que encima o monumento ao Marquês de Pombal. Qualquer generalização sobre intenções, significados e leituras simbólicas será forçosamente subjectiva, mas ainda assim destacaríamos a expressão de mensagens (ou imagens) de força, poder, solidez e liderança, associadas ou não a predilecções clubísticas.

<sup>14</sup> “Fogem os ímpios sem que ninguém os persiga; mas qualquer justo está confiado, como o filho do leão.” (*Provérbios de Salomão*, 28: 1 in Almeida (trad.), 1968: 660) ou “(...) melhor é o cão vivo do que o leão morto (...)” (*Eclesiastes*, 9: 4 in *ibid*: 670).

<sup>15</sup> Reportando-se à iconografia medieval, Chevalier e Gheerbrant sublinham que a cabeça e, de um modo geral, a parte anterior do corpo do leão representam a natureza divina de Cristo enquanto a parte posterior, mais fraca, corresponderia à Sua natureza humana (Chevalier e Gheerbrant (eds.), 1982: 576).

serpente.” (*Livro dos Salmos*, 91: 13 in *ibid*: 610) ou “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.” (*1ª Epístola do Apóstolo S. Pedro*, 5: 8 in *ibid*: 265), dir-se-ia que a imagem que os textos bíblicos delineiam e corporizam se revela a espaços algo translúcida ou até sibilamente dúplice.

Pese embora o evidente fosso cronológico, não resistimos a evocar de passagem esse poeta-profeta inglês que, na literatura como nas artes visuais, na voz como no traço, nos temas como nas formas, melhor apreendeu e, de forma pessoalíssima, cultivou o tom aforístico, visionário e, por vezes, apocalíptico do discurso bíblico: falamos, naturalmente, de William Blake (1757-1827), de cujo principal texto em prosa (*The Marriage of Heaven and Hell*, composto entre 1790 e 1793 e aqui citado na tradução portuguesa de João Ferreira Duarte) transcrevemos os seguintes excertos:

“(…) o justo percorre em fúria os desertos / Onde erram leões.” (Blake (trad. J. Ferreira Duarte), 1991: 20).<sup>16</sup>

“A ira do leão é a sabedoria de Deus.” (*ibid*: 26).<sup>17</sup>

“O rugir dos leões, o uivar dos lobos, o bramir do mar furioso e a espada destruidora são pedaços de eternidade grandes demais para a vista humana.” (*ibid*: 27).<sup>18</sup>

“Que o homem se vista com a pele do leão, a mulher, com a lã da ovelha.” (*ibid*: 27).<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> “(…) the just man rages in the wilds / Where lions roam.” (Blake (ed. Geoffrey Keynes), 1985: 149).

<sup>17</sup> “The wrath of the lion is the wisdom of God.” (*ibid*: 151).

<sup>18</sup> “The roaring of lions, the howling of wolves, the raging of the stormy sea, and the destructive sword, are portions of eternity, too great for the eye of man.” (*ibid*: 151).

<sup>19</sup> “Let man wear the fell of the lion, woman the fleece of the sheep.” (*ibid*: 151).



“O rato, a ratazana, a raposa e o coelho olham a raiz; o leão, o tigre, o cavalo e o elefante olham o fruto.” (*ibid*: 27).<sup>20</sup>

“A raposa cuida de si, mas Deus cuida do leão.” (*ibid*: 28).<sup>21</sup>

“A macieira nunca pergunta à faia como deve crescer, nem o leão ao cavalo como deve apanhar a presa.” (*ibid*: 29).<sup>22</sup>

“Se escutasse os conselhos da raposa, o leão seria astuto.” (*ibid*: 30).<sup>23</sup>

Aproveitando a extensão zoológica operada por estas transcrições, o leão surge ainda como uma das quatro criaturas que, no Antigo e no Novo Testamento respectivamente, integram as visões dos querubins (*Ezequiel*, 1 in Almeida (trad.), 1968: 799-800 e *idem*, 10 in *ibid*: 806-807) e rodeiam o trono da majestade divina (*Apocalipse do Apóstolo S. João*, 4: 6-7 in *ibid*: 278). Estes seres, representados na porta do Juízo Final de Nôtre Dame (Mâle, 1961: 35),<sup>24</sup> adquirem uma tripla e complexa simbologia, ao serem identificados, como lembra Émile Mâle (*ibid*: 36-37), com (a) os quatro Evangelistas; b) alguns momentos e mistérios da vida terrena de Cristo; e c) as virtudes necessárias ao aperfeiçoamento espiritual e à salvação do Homem:

Homem (ou por vezes o Anjo) / S. Mateus:

---

<sup>20</sup> “The rat, the mouse, the fox, the rabbit (sic) watch the roots; the lion, the tyger (sic), the horse, the elephant watch the fruits.” (*ibid*: 151).

<sup>21</sup> “The fox provides for himself, but God provides for the lion.” (*ibid*: 152).

<sup>22</sup> “The apple tree never asks the beech how he shall grow, nor the lion, the horse, how he shall take his prey.” (*ibid*: 152).

<sup>23</sup> “If the lion was advised by the fox, he would be cunning.” (*ibid*: 152).

<sup>24</sup> Émile Mâle cita como exemplos de representações do leão na arquitectura, arte e decoração medievais francesas o pórtico da catedral de Chartres (*ibid*: 7, fig. 4, e 27), as janelas das catedrais de Lyons (*ibid*: 40, fig. 13), Bourges, Le Mans e Tours (*ibid*: 43) e o friso trabalhado da torre da catedral de Estrasburgo (*ibid*:

- (a) O seu Evangelho abre com a tábua genealógica dos antepassados de Jesus.
- (b) Encarnação.
- (c) É a razão que distingue o homem das demais criaturas.

Leão / S. Marcos:

- (a) O seu Evangelho abre com a narração de episódios passados no deserto (a pregação de S. João Baptista, o baptismo de Cristo e a Sua tentação por Satanás).
- (b) Ressurreição (cf. *infra*: 21).
- (c) Aquele que renuncia aos valores e prazeres terrenos nada teme.

Boi (ou por vezes o touro) / S. Lucas:

- (a) O seu Evangelho abre com a narração do sacrifício de Zacarias; ora o animal tradicionalmente oferecido em sacrifício era o boi.
- (b) Paixão.
- (c) Ao renunciar aos valores e prazeres terrenos, também o verdadeiro cristão se sacrifica.

Águia / S. João:

- (a) Tal como S. João Baptista veio anunciar a vinda de alguém mais alto, a águia transporta os homens para as alturas divinas.
- (b) Ascensão.
- (c) Assim como a águia paira nas alturas, encarando o sol, o cristão deverá

contemplar os valores eternos.

Se é evidentemente impossível negar a natureza fabulosa ou fantástica de parte dos animais representados na arquitectura, arte e decoração medievais <sup>25</sup> (como, aliás, na literatura, a começar pelos bestiários, de que falaremos adiante), não será descabido recordar as palavras de Mâle, referindo-se aos mestres arquitectos: “The church to them was the ark to which every creature was made welcome; and then -- as if the works of God were not sufficient (...) – they invented a whole world more of terrible beings (...)” (Mâle, 1961: 28) nem outro excerto que nos dá conta da perplexidade de S. Bernardo (1090-1154), ao deambular pelos claustros de Clairvaux:

“What are these fantastic monsters doing in the cloisters (...) under the very eyes of the brothers as they read ? (...) What is the meaning of these unclean monkeys, these savage lions, and monstrous centaurs ? To what purpose are here placed these creatures, half-beast, half-man, or these spotted tigers ? I see several bodies with one head and several heads with one body. Here is a quadruped with a serpent’s head, there a fish with a quadruped’s head, there again an animal half-horse, half-goat (...). Surely if we do not blush for such absurdities we should at least regret what we have spent on them !” (*apud ibid*: 48-49).

A alegada cura de um leão doente por S. Jerónimo (c.341-420), lembrado sobretudo pela tradução da Bíblia para latim (a chamada “Vulgata”), estaria na base da frequente inclusão de um leão em figurações do santo, validando abordagens hagiológicas e iconográficas que, por falta de formação específica, não poderemos empreender. Se é certo

---

<sup>25</sup> Tal é o caso da manticora e do grifo, com corpo de leão e cabeça de homem e águia, respectivamente (Cristóvão (coord.), 1999: figuras 8 e 10 extratexto).

que subsistem variantes dessa miraculosa operação,<sup>26</sup> a competência translitológica de S. Jerónimo estaria, contudo, longe de achar correspondência em mais modernos mortais, como Vergílio Ferreira viria a registrar em apontamento diarístico de 20 de Outubro de 1980:

“Mesmo no tempo em que o latim se estudava no liceu durante não sei quantos anos, a prova de exame dessa língua era a que permitia os mais espantosos disparates dos examinandos. (...) No começo do meu fado pedagógico, a coisa divertia-me imenso e assim eu ia registando os resultados mais pândegos. Depois o hábito amorteceu-me o riso e nunca mais registei nada. Revolvo hoje papéis velhos e encontro um exemplo desse festival de cómico. (...)

Tratava-se, se não estou em erro, de uma história, aliás, conhecida. Foi o caso que um homem (cristão ?) encontrou um leão ferido ou com um espinho numa pata e que por esse homem foi tratado do incómodo. Tempos depois o homem foi lançado às feras. Ora entre essas feras estava o leão que ele tratara. Assim, ele o não molestou por ter reconhecido o seu benfeitor. Duas frases do texto perturbaram especialmente os alunos. São elas:

*1 - Paulatim oculos ad contuendum leonem refert*

O que significa mais ou menos: “Lentamente volta os olhos para fitar o leão.”

E eis agora a espantosa inventiva de alguns alunos:

- a) Vagarosamente retira o leão para contemplar-lhe os olhos.
- b) Pouco a pouco, a olhar-lhe os olhos, leva consigo o leão.
- c) Pouco a pouco, leva o leão consigo para lhe esmagar os olhos.
- d) Paulatim (o advérbio tomado como nome próprio) achou conveniente esmagar os olhos ao leão.
- e) Insensivelmente, pôs os óculos para contemplar o leão.
- f) Pouco a pouco, olha para o contemplativo leão.
- g) Pouco a pouco, os óculos dirigem-se para junto do leão.
- h) Pouco a pouco, alcança o leão, pisando-o com os olhos.
- i) Pouco a pouco, oferece em sacrifício ao leão os olhos para olhar.

---

<sup>26</sup> Feitos semelhantes são atribuídos a Androcles e S. Gerásimo (Brewer (ed.), 1965: 33 e 554, respectivamente).

## 2 - *Tum caudam more adulantium canum movet*

O que significa aproximadamente: “Então (o leão) agita a cauda à maneira dos cães quando fazem festas.”

E eis o que daqui saiu:

- a) Então agita estupidamente a cauda para afagar o cano.
- b) Então move a cauda veneranda.
- c) Então, acariciando, tocou suavemente o cano com a cauda.
- d) Então ao adolescente velho move brandamente a cauda.
- e) Então moveu a cauda asnicamente com lisonja ao cano.” (Ferreira, 1983: 154-155).

Também na cultura inglesa é possível encontrar registo de casos, embora ficcionais e lendários, de fidelidade, lealdade e gratidão leoninas: se é certo que um anglista pensará, por exemplo, na relação estabelecida em *Ywain and Gawain* entre Ywain e um leão salvo pelo cavaleiro de uma venenosa serpente,<sup>27</sup> deve acrescentar-se que o romance inglês mais não é do que uma versão trecentista de *Yvain*, de Chrétien de Troyes (séc. XII), que inclui já o episódio.<sup>28</sup> Mais original será porventura o aparecimento de um leão como ajudante de

---

<sup>27</sup> O único exemplar manuscrito deste romance em verso integra o Ms. Cotton Galba E. ix (c.1400), depositado no Museu Britânico (Pearsall, 1977: 297).

<sup>28</sup> “Pensively my lord Yvain proceded through a deep wood, until he heard among the trees a very loud and dismal cry, and he turned in the direction whence it seemed to come. And when he had arrived upon the spot he saw in a cleared space a lion, and a serpent which held him by the tail, burning his hind-quarters with flames of fire. My lord Yvain did not gape at this strange spectacle, but took counsel with himself as to which of the two he should aid. Then he says that he will succour the lion, for a treacherous and venomous creature deserves to be harmed. (...) Drawing his sword he steps forward, holding the shield before his face in order not to be harmed by the flame emerging from the creature’s throat (...). With his sword, which cuts so clean, he attacks the wicked serpent, first cleaving him through to the earth and cutting him in two, then continuing his blows until he reduces him to tiny bits. (...) When he had set the lion free, he supposed that he would have to fight with him, and that the lion would come at him; but the lion was not minded so. Just hear now what the lion did ! He acted nobly and as one well-bred; for he began to make it evident that he yielded himself to him, by standing upon his two hind-feet and bowing his face to the earth, with his fore-feet joined and stretched out toward him. Then he fell on his knees again, and all his face was wet with the tears of humility. My lord Yvain knows for a truth that the lion is thanking him and doing him homage because of the serpent which he had killed, thereby delivering him from death. (...) He cleaned his sword of the serpent’s poison and filth; then he replaced it in his scabbard, and resumed his way. And the lion walks close by his side, unwilling henceforth to

campo de *Sir* Geoffrey de Latour na luta contra os sarracenos; o animal afogar-se-ia numa desesperada tentativa de seguir o barco que transportava *Sir* Geoffrey de regresso a Inglaterra (Brewer (ed.), 1965: 554).<sup>29</sup> Permitam-se-nos ainda duas breves notas relativas à capital britânica: a primeira, focando a existência de leões na Torre de Londres até 1834, uma das mais célebres atracções da cidade, responsável, de resto, pela cunhagem de expressões como “to lionize” e “to see the lions”; a segunda, sobre o chamado “sermão do leão”, pregado em Outubro na igreja de St. Catherine Cree, Leadenhall Street, por intenção e a pedido de *Sir* John Gayre, *Lord Mayor* em 1647. Vítima de naufrágio na costa africana, Gayre teria sido poupado por um leão enquanto orava, razão pela qual o seu testamento destinaria duzentas libras para fins assistenciais na condição de que um sermão celebrando essa ocorrência fosse pregado anualmente em St. Catherine Cree (*ibid*: 554).

Embora razões de formação nos levem a privilegiar a esfera da literatura, optámos por recorrer como marco divisório a um facto e uma data históricos, mas cujas repercussões literárias e linguísticas, entre outras, são por demais conhecidas: a invasão conduzida em 1066 por William, duque da Normandia (William I, 1066-1087). A breve pesquisa efectuada sobre géneros e textos anteriores a esta data revelou-se pouco fecunda, uma vez que o leão se acha ausente quer das adivinhas (*riddles*), parte delas, aliás, atinente a animais, quer das máximas e dos aforismos anglo-saxónicos (*gnomes*, *gnomic verse*). Essa ausência verifica-se também no único bestiário sobrevivente do período, o fragmento de 179 versos constante do *Exeter Book* (c.970 ou c.975-1000, nas datações avançadas respectivamente por Treharne (ed.), 1999: xi e Pearsall, 1977: 292); com efeito, as espécies

---

part from him; he will always in future accompany him, eager to serve and protect him.” (Chrétien de Troyes (trad. W. W. Comfort), 1968: 223-224).

<sup>29</sup> A frequente presença de leões na estatuária tumular, jazendo aos pés de santos e cruzados, significaria que

constantes deste *Physiologus* em antigo inglês limitam-se à pantera, à baleia e à perdiz, representando aparentemente os reinos naturais da terra, do mar e do ar.

Não obstante a perda do texto grego original do *Physiologus*, quase sempre dado como composto em Alexandria no séc. II (c.140) e posteriormente vertido em latim,<sup>30</sup> talvez no século VI, ele viria a conhecer tradução para as línguas vernáculas,<sup>31</sup> inspirando os bestiários medievais, cuja característica dominante será talvez o modo como o naturalismo pseudo-científico das descrições morfológicas e comportamentais das espécies, efectivamente existentes ou puramente fabulosas,<sup>32</sup> se acha subordinado a investimentos, codificações e leituras simbólico-alegóricas, visando um didacticismo espiritual ou moral cristão.<sup>33</sup> Tal só é possível porquanto o mundo animal é apresentado e encarado como um espelho no qual alegadamente se reflectiria a condição humana, o que faz dos animais (e, por extensão, dos bestiários) veículos ou instrumentos de instrução e edificação do homem pecador.

Consumadas a invasão, conquista e implantação normandas nas décadas posteriores a 1066, cumpre realçar, pelo seu pioneirismo, a tradução francesa em verso do *Physiologus*, levada a cabo c.1125 por Philippe de Thaon (ou Thaun) para Adela de Louvain, segunda esposa de Henry I (Schofield, 1914: 132 e 336). Mais importante terá sido, no entanto, uma outra versão, composta c.1230 (Pearsall, 1977: 294) e que integra uma miscelânea (Ms

---

tais figuras haviam morrido pelas respectivas causas (*ibid*: 555).

<sup>30</sup> Recorde-se que o termo *physiologus* (pl. *physiologi*) significa precisamente “naturalista”, “historiador natural” ou como tal pode ser traduzido de forma aproximada.

<sup>31</sup> Segundo Legouis e Cazamian, a primeira a inspirar a produção de um bestiário terá sido precisamente o anglo-saxão (Legouis e Cazamian, 1948: 47).

<sup>32</sup> Em qualquer dos casos, dever-se-á ter em conta a frequente substituição ou subjugação do saber empírico do autor, compilador ou escriba pela evocação de autoridades livrescas, visando conferir uma credibilidade acrescida à matéria factual apresentada.

<sup>33</sup> Como nota Émile Mâle, “in the Bestiaries (...) ancient science of the most suspicious character is found side by side with doubtful Christian exegesis.” (Mâle, 1961: 34) ou, na sugestiva imagem de Barber, “(...) the grain

Arundel 292, fos. 4r.-10v.) coligida algumas décadas mais tarde (c.1275-1300, segundo Treharne (ed.), 2000: 350) e reunindo composições em latim, francês e inglês.

Relativamente a este bestiário, três aspectos são tradicionalmente apontados: a influência nele exercida pelo *Physiologus* de Thetbald, <sup>34</sup> um religioso do séc. XI que Baugh apresenta com alguma reserva como abade de Monte Cassino (Baugh (ed.), 1980: I, 162); a utilização do *East Midland*, que se viria a sobrepor aos demais dialectos do Médio Inglês, constituindo, pois, a principal base linguística do moderno inglês padrão; e a irregularidade prosódica dos 802 versos que, oscilando entre a aliteração e a rima, compõem o texto (Brewer, 1983: 36-37). <sup>35</sup> Para os presentes efeitos, optámos, contudo, por lançar mão do bestiário constante do Ms. Bodley 764, traduzido por Richard Barber (Barber (trad.), 1999) e cuja recente reedição reproduz iluminuras de grande beleza. Paralelamente, na sua introdução (*ibid*: 7-15) Barber reflecte sobre os bestiários enquanto género e nomeia as fontes da versão por si traduzida <sup>36</sup> e outras versões constantes de manuscritos ingleses.

37

Segundo Barber, o texto preservado no Ms. Bodley 764 data sensivelmente do período 1220-1250, consubstanciando dois aspectos característicos do século XIII inglês: o

---

of literal truth in the bestiary is very much the grain of sand around which the pearl forms.” (Barber (trad.), 1999: 9).

<sup>34</sup> Em bibliografia de língua inglesa, o nome do autor pode aparecer grafado como “Theobald”, “Thetbaldus” ou “Theobaldus”.

<sup>35</sup> O passo relativo ao leão aparece traduzido em inglês moderno in Brian Stone (trad.), 1986: 90-91 (nº 44). Esta antologia inclui ainda o seguinte poema, dado por Stone como escrito por um belga, Hare ou Ogen Nash, nos finais do séc. XIV (*ibid*: 97): “The lion is wonderfully strong / And full of wicked skill; / And whether he play / Or seize his prey, / He cannot choose but kill.” (nº 64 in *ibid*: 109).

<sup>36</sup> Além dos autores clássicos citados como fontes do *Physiologus* original (Aristóteles, Plínio, Solinus e Lucano), Barber nomeia Rabanus Maurus, um monge germânico dos finais do séc. VIII, influenciado por *Etimologias*, de Santo Isidoro de Sevilha, Gerald of Wales, *Topography of Ireland*, Hugh of Fouillooy, *The Aviary* e Peter of Cornwall, *Pantheologus*.

<sup>37</sup> Ms. Laud Misc. 247, talvez proveniente de Christchurch, Canterbury, mas presentemente na biblioteca Bodleian, Oxford; o bestiário Ashmole, que antecede em duas ou três décadas o Ms. 764, igualmente na Bodleian; e o Ms. Harley 4751, *British Library*, talvez produzido em Salisbury e influenciado por um outro



gosto do alto clero e da alta nobreza por bestiários iluminados e a maior fluidez e elaboração das linhas e riqueza cromática das iluminuras então produzidas, um dos pontos mais enaltecidos na introdução:

“It will entertain as a collection of curious lore; it will edify as a series of moral examples; it will lead us, if we wish, into a world reminiscent of Jungian symbolism, with a Christian gloss; and it will delight the eye with some of the most charming miniatures to be found in any medieval manuscript.” (Barber (trad.), 1999: 15).

Outro aspecto digno de registo consiste no facto de o bestiário abrir precisamente com o leão, seguindo-lhes bem mais breves considerações sobre a sua fêmea (*ibid*: 21-27 e 27-29, respectivamente). Por razões de gestão de espaço, cingir-nos-emos ao leão, evocando alguns traços que dispõem de iluminura própria e/ou particularmente significativos da caracterização morfológica, comportamental e alegórica do rei da selva.

Assim, se a força, a coragem, o orgulho e a voz aterrorizante são alguns dos atributos salientados, a pseudo-cientificidade das informações veiculadas far-nos-á hoje, no mínimo, sorrir: tal é o caso da apresentação dos leões pequenos com garras curvas como pacíficos e dos grandes com juba como selvagens; da referência às cinco crias nascidas do primeiro parto, número que diminuiria todos os anos até à unidade, assinalando o início da idade estéril; ou das informações relativas aos hábitos alimentares (segundo o bestiário, o leão evitaria comer muito, fazendo-o num só dia, bebendo no seguinte e jejuando no terceiro se não tiver feito a digestão, ou removendo com a pata a comida da boca, caso esteja cheio e/ou tenha necessidade de fugir).

Passamos a legendar as iluminuras com os dados fornecidos na edição de Barber:

---

existente em Cambridge que T. H. White utilizaria ao editar *The Book of Beasts*, 1954.

1. O leão doente curar-se-ia comendo um macaco;
2. Além de não atacar a espécie humana sem provocação prévia (algo que, conforme se sugere, deveríamos aprender ...), a natureza misericordiosa do leão levá-lo-ia a poupar o homem, se este estendesse no chão;
3. A par do fogo e do ruído das rodas, o leão temeria galos, sobretudo brancos;
4. Interpretação incerta;
5. Idem (Leoa e respectivas crias ? Ou 6 ?);
6. Segundo o bestiário, os restos mortais de criaturas chamadas “matadores de leões”, uma vez queimados e colocados nas encruzilhadas, matariam os leões, pelo que estes costumariam atacá-los preventivamente, evitando morder-lhes, mas esmagando-os com as patas.

Em termos de interpretação alegórica, são três os aspectos a destacar:

- a) O leão gosta de vaguear pelos cumes das montanhas; se perseguido, ao ouvir a voz ou sentir o cheiro dos caçadores, apagaria o rasto com a própria cauda;
- a’) Também Cristo, leão da tribo de Judá (cf. *supra*: 8), teria escondido no Céu o rasto do Seu amor, até encarnar no seio de Maria.
  
- b) O leão parece dormir com os olhos abertos;
- b’) Também Cristo adormeceu na Cruz, sem deixar de velar pela humanidade.

- c) Quando a leoa dá à luz, as crias nascem inanimadas, sendo vigiadas durante três dias, findos os quais o pai leão lhes sopra (ou ruge) nas faces, despertando-as.
- c') Também Cristo, por intervenção de Deus Pai, ressuscitou ao terceiro dia.

Contemplando, por último, essa forma por excelência da literatura aristocrático-senhorial que é o romance, cite-se a obra anónima, com cerca de sete mil versos, sobre Richard I, que Barron considera como um derivativo da matéria de Inglaterra (Barron, 1987: 179) e composto em inglês, se bem que o título apareça geralmente citado em francês (*Richard Coeur de Lion*, com *Cueur*, *Cuer* e *Coer* como grafias alternativas). Registam-se igualmente variações de datação, oscilando entre c.1290 (Pearsall, 1977: 295) e 1330-1340 (Boitani, 1986: 40). A mais antiga versão sobrevivente deste romance que, segundo se crê, terá tido por base um original anglo-normando, integra o Ms. Auchinleck (Ms. 19.2.1), de c.1330 (Pearsall, 1977: 296), presentemente na Biblioteca Nacional da Escócia.

Não tendo nós tido acesso ao texto de *Richard Coeur de Lion*,<sup>38</sup> poderemos apenas notar com Pearsall o carácter largamente fabuloso das façanhas, militares e outras, atribuídas a Richard,<sup>39</sup> entre as quais se conta a prática de canibalismo (Pearsall, 1977: 115-116). João Soares Carvalho, antigo professor de cultura inglesa na Faculdade de Letras de Lisboa e ele próprio um reputado medievalista, escreve a este propósito:

“No Oriente, as manifestações de crueldade por parte de Ricardo impressionaram de

---

<sup>38</sup> Editado por Karl Brunner como *Der Mittelenglische Versroman über Richard Lowenherz*, Wien, Braumüller, “Wiener Beiträge zur Englischen Philologie”, 42, 1913, e por B. B. Broughton, *Richard the Lion-Hearted' and other Medieval English Romances*, New York, 1966, para além dos excertos traduzidos por J. L. Weston, *The Chief Middle English Poets*, New York, 1970 (Boston, 1914).

<sup>39</sup> O mesmo Pearsall evoca na tábuca cronológica os seguintes três textos: *Richard* (British Library, Ms. Egerton 2862, c.1390), novamente *Richard* (Cambridge, Ms. Gonville and Caius 175, c.1400) e *Richard Coeur de Lion* (British Library, Ms. Add. 31042, c.1440) (Pearsall, 1977: 297-299 *passim*).

tal modo os monarcas europeus que alguns deles o consideraram um homem perigoso. (...) Diz-se que, ainda no século passado, as mães árabes ameaçavam os filhos pequeninos de que iam chamar o rei Ricardo se eles não comessem a papinha.” (Carvalho, 1993: 34).

A conjugação de elementos históricos, literários, lendários e míticos na caracterização ricardina, estudada até ao início do século XVII por B. B. Broughton (Broughton, 1966) e objecto de recuperações e tratamentos novelísticos nos períodos romântico e vitoriano,<sup>40</sup> é assim sumariamente evocada por W. R. J. Barron:

“(…) mysterious birth from a demon-mother, a precocious adolescence in chivalry, public proof of prowess at his coronation in a tournament where Richard incognito is said to have defeated the best knights of his realm, numinous experiences in the appearance of St. George, St. Thomas à Becket, and various angels in moments of peril on his crusade; incredible deeds of personal valour in the Holy Land, recovery from fever after a meal of roast Saracen substituted for the pork unavailable in that Muslim land, massive slaughter of Saracen prisoners on the advice of an angelic voice, humiliation of Saladin in personal combat followed by mass baptism of his followers; then imprisonment on the return journey by Modred, King of Almain, illicit liaison with his daughter resulting in exposure to a lion whose heart he tears out and eats, eventual discovery by his minstrel Blondel, return home to right the misrule of his brother John and recruit the outlaw Robin Hood among his loyal followers.” (Barron, 1987: 180).

Digno de registo é também o tom patriótico adoptado, exaltando Richard e denegrindo Philippe II (Filipe Augusto, 1180-1223). Uma vez mais, a falta de contacto directo com o romance impede-nos de avançar com apreciações mais abalizadas, mas ainda assim será de propor a hipótese de esse tom, presente num texto sobrevivente da transição dos séculos XIII-XIV ou escassas décadas mais tarde, mas que, sublinhemo-lo, **não é já o original**, documentar de forma precoce a hostilidade anglo-francesa intensificada pela

---

<sup>40</sup> A eventual constituição de um *corpus* teria, no mínimo, de incluir *Ivanhoe* (1819) e *The Talisman* (in *Tales of the Crusaders*, 1825), de Sir Walter Scott (1771-1832), *Maid Marian* (1822), de Thomas Love Peacock

eclosão da Guerra dos Cem Anos (1337) e que viria a precipitar, nela simultaneamente se traduzindo, a emancipação do inglês do jugo linguístico anglo-normando, nas suas vertentes e implicações políticas, jurídico-administrativas, sociais, culturais e literárias.

Contemporâneo de todas estas transformações, também Chaucer (c.1340-1400), falecido há seiscentos anos, viria a aludir, pela boca de Dame Alice no célebre Prólogo da Mulher de Bath, a uma fábula de Esopo, que o poeta poderia eventualmente conhecer através da mediação literária de Marie de France (c.1140-c.1190), *Del leon e del villain*:

“(...) take my word for it, there is no libel  
On women that the clergy will not paint,  
Except when writing of a woman-saint,  
But never good of other women, though.  
**Who called the lion savage ? Do you know ?**”<sup>41</sup>

Seis séculos volvidos, saberemos responder-lhe ?

---

(1785-1866), e *The Life and Death of Richard Yea-and-Nay* (1900), de Maurice Hewlett (1861-1923).

<sup>41</sup> Chaucer (trad. Nevill Coghill), 1982: 295; grifos da nossa responsabilidade. Sobre os antecedentes literários e as implicações culturais desta interrogação, cf. Carruthers in Pearsall (ed.), 1999: 42-64 e Delany, 1990: 112-129, sobretudo 42 e 113-119, respectivamente.

## Bibliografia:

ALMEIDA, João Ferreira de (trad.), *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento*. Traduzida em português por \_\_\_\_\_. Lisboa, Depósito das Escrituras Sagradas, 1968.

AMORIM, Maria Adelina, “Viagem e *mirabilia*: monstros, espantos e prodígios” in Fernando Cristóvão (coord.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, Lisboa, Edições Cosmos / Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, “Cosmos Literatura”, 40, 1999, pp. 127-181.

APARÍCIO, João Paulo e PELÚCIA, Paula, “O animal e a literatura de viagens. Bestiários” in Fernando Cristóvão (coord.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, Lisboa, Edições Cosmos / Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, “Cosmos Literatura”, 40, 1999, pp. 219-233.

BARBER, Richard (trad.), *Bestiary. Being an English Version of Bodleian Library, Oxford, Ms Bodley 764. With all the original miniatures reproduced in facsimile. Translated and introduced by -----*, Woodbridge, The Boydell Press, 1999 (s.l., The Folio Society, 1992).

BARBER, Richard e RICHES, Anne, *A Dictionary of Fabulous Beasts*, Ipswich, The Boydell Press Ltd., 1975 (1971).

BARRON, W. R. J., *English Medieval Romance*, London and New York, Longman Group UK Ltd., “Longman Literature in English Series”, 1987.

BAUGH, Albert C. (ed.), *A Literary History of England. The Middle Ages*, 2nd. ed., London and Henley, Routledge & Kegan Paul Ltd., “A Literary History of England”, I, 1980 (s.l., Appleton-Century-Crofts, Inc., 1948).

BAXTER, Ron, *Bestiaries and their users in the Middle Ages*, s.l., Sutton, 1998.

BLAKE, William (ed. Geoffrey Keynes), *Complete Writings*, Oxford and New York, Oxford University Press, 1985 (s.l., Nonesuch Press, 1957).

----- (trad. João Ferreira Duarte), *A União do Céu e do Inferno*, Lisboa, Relógio d’Água Editores Lda., “Poesia”, 1991.

BOITANI, Piero, *English Medieval Narrative in the 13th and 14th Centuries*, Cambridge, Cambridge University Press, “Cambridge Paperback Library”, 1986 (1982).

BOLTON, W. F. (ed.), *The Middle Ages*, London, Sphere Books Ltd., “Sphere

History of Literature in the English Language”, I, 1970.

BREWER, Derek, *English Gothic Literature*, Basingstoke and London, The Macmillan Press Ltd., “Macmillan History of Literature”, 1983.

BREWER, Rev. Ebenezer Cobham (ed.), *Brewer’s Dictionary of Phrase & Fable*, London, Cassell & Company Ltd., 1965 (1870).

BROUGHTON, B. B., *The Legends of King Richard I Coeur de Lion: A Study of Sources and Variations to the Year 1600*, The Hague, 1966.

CARRUTHERS, Mary, “The Wife of Bath and the Painting of Lions” in Derek Pearsall (ed.), *Chaucer to Spenser: A Critical Reader*, Oxford, Blackwell Publishers Ltd., “Blackwell Critical Readers in Literature”, 1999, pp. 42-64.

CARVALHO, João Soares, *Em Volta da Magna Carta*, Mem Martins, Editorial Inquérito, Lda, “Inquérito Universidade”, 1, 1993.

CHAMBEL, Pedro, *A Simbologia dos Animais n’A Demanda do Santo Graal*, Cascais, Patrimonia - Associação de Projectos Culturais e Formação Turística, “Patrimonia Historica - Dissertações”, 2000.

CHAUCER, Geoffrey (trad. Nevill Coghill), *The Canterbury Tales*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd., 1982 (1951).

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (eds.), *Dictionnaire des Symboles. Mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Paris, Éditions Robert Laffont S.A. et Éditions Jupiter, “Bouquins”, 1982 (1969).

CHRÉTIEN DE TROYES (trad. W. W. Comfort), *Arthurian Romances*, London, J. M. Dent & Sons Ltd. / New York, Dutton, “Everyman’s Library”, 698, 1968 (1914).

COHEN, J. M. e COHEN, M. J. (eds.), *The Penguin Dictionary of Quotations*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd., 1981 (1960).

DELANY, Sheila, “Strategies of silence in the Wife of Bath’s recital” in *Medieval literary politics: shapes of ideology*, Manchester and New York, Manchester University Press, “Cultural Points”, 1990, pp. 112-129.

DELDERFIELD, Eric R. (ed.), *Kings and Queens of England and Great Britain*, 3rd. edition, Newton Abbott & London, David & Charles Publishers plc, 1988 (1966).

DUFOURNET, Jean (ed.), *Le Roman de Renart (Branches I, II, III, IV, V, VIII, X, XV)*, Paris, Garnier-Flammarion, 1970.

FERREIRA, Vergílio, *Conta Corrente 3 (1980-1981)*, Venda Nova, Amadora, Livraria Bertrand SARL, "Obras Completas de Vergílio Ferreira", 1983.

FLORES, Nona C. (ed.), *Animals in the Middle Ages. A Book of Essays*, London, Garland Publishing, "Garland Medieval Casebooks", 13, s.d.

GATTEGNO, David, *Símbolos*, Lisboa, Hugin Editores, Lda., "b.a.-ba", 2000 (Puisseaux, Éditions Pardès, 1998).

GEORGE, Wilma e YAPP, Brunson, *The Naming of the Beasts*, London, 1991.

GILLINGHAM, J. B., *Richard the Lionheart*, London, 1978.

HASSIG, Debra (ed.), *The Mark of the Beast. The Medieval Bestiary in Art, Life, and Literature*, London, Garland Publishing, "Garland Medieval Casebooks", 22, 1998.

HENDERSON, A. C., *Moralized Beasts. The Development of Medieval Fable and Bestiary, particularly from the Twelfth to the Fifteenth Centuries in England and France*, Berkeley, University of California, 1973.

JAMES, Montague Rhodes, *The Bestiary*, Oxford, Roxburghe Club, 1928.

JONES, Gwyn, *Kings, Beasts and Heroes*, London / New York / Toronto, Oxford University Press, 1972.

KER, W. P., *Medieval English Literature*, London / New York / Toronto, Oxford University Press, "The Home University Library of Modern Knowledge", 43, 1955 (1912).

KLIGENDER, Francis, *Animals in Art and Thought in the Middle Ages*, London, Routledge and Kegan Paul, 1971.

LEGOUIS, Émile e CAZAMIAN, Louis, *A History of English Literature*, London, J. M. Dent and Sons Ltd., 1948 (1926-1927).

MÂLE, Émile, *The Gothic Image. Religious Art in France of the Thirteenth Century*, London & Glasgow, Collins, "The Fontana Library", 601 L, 1961 (*Religious Art in France: XIII Century. A Study in Medieval Iconography and its Sources of Inspiration*, London, J. M. Dent & Sons, 1913; ed. orig: 1910).

McCULLOUGH, Florence, *Medieval Bestiaries*, Philadelphia, 1962.

ORWELL, George, *The Lion and the Unicorn. Socialism and the English Genius*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd, 1988 (s.l., Secker & Warburg, Searchlight Book Series, 1941).



OWEN, D. D. R. (trad.), *The Romance of Reynard the Fox*, Oxford and New York, Oxford University Press, "The World's Classics", 1994.

PEARSALL, Derek, *Old English and Middle English Poetry*, London, Henley and Boston, Routledge & Kegan Paul Ltd., "The Routledge History of English Poetry", I, 1977.

PRIESTLEY, A. E., *Learning About Heraldry*, Loughborough, Ladybird Books Ltd., 1974.

REEVES, James (ed.), *The Merry-Go-Round. A Collection of Rhymes and Poems for Children*, Melbourne / London / Toronto, William Heinemann Ltd, 1955.

ROGET, Peter Mark (ed.), *Roget's Thesaurus of Synonyms and Antonyms*, London, College Books, 1972.

SALISBURY, Joyce E., *The Beast Within. Animals in the Middle Ages*, London, Routledge, 1994.

SCHOFIELD, William Henry, *English Literature from the Norman Conquest to Chaucer*, London, Macmillan and Co. Ltd., 1914 (1906).

SHAKESPEARE, William (ed. Sybil Thorndike), *The Complete Works of -----*, London, Murray Sales & Service Co., "Rex Library", 1973.

STEVENS, John, *Medieval Romance. Themes and Approches*, London, Hutchinson & Co. Publishers Ltd., "Hutchinson University Library", 1973.

STONE, Brian (trad.), *Medieval English Verse*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd., 1986 (1964).

TREHARNE, Elaine (ed.), *Old and Middle English: An Anthology*, Oxford, Blackwell Publishers Ltd., "Blackwell Anthologies", 2000.

WHITE, T. H. (trad.), *The Book of Beasts*, London, 1954.